# O CANGAÇO

NA LITERATURA DE CORDEL

Autor: **Rodolfo Coelho Cavalcante**

**Trovador Brasileiro**

Caixa Postal, 916 - 40.000 - Salvador - Bahia

## Vida e Luta do Trovador RAIMUNDO SANTA HELENA

Poeta **RAIMUNDO SANTA HELENA**

# VÍTIMA DE LAMPIÃO

1ª edição ..... 1984

Juazeiro do Norte
-Ceará

JOSÉ
CORDEIRO

# Perseguições de Lampião PELAS FORÇAS LEGAIS

A estátua de Padre Cícero e a catedral são marcos de Juazeiro

No ano de vinte e sete
já quase no meio do ano
pelo norte brasileiro
penetrei o todo pano
jurando sobre ameaça
em transformar em fumaça
o sertão paraibano

Logo que fui penetrando
no solo da Paraíba
fui dizendo desse jeito:
não vajo quem me proíba
mostrando que sou valente
até mesmo o presidente
ou corre, ou morre, ou arriba

Se a polícia por acaso
fizer-me perseguição
eu acendo o meu farol
toco fogo no sertão
deixo Souza aniquilada
Cajazeiras sepultada
nas cinzas de S. João

Quando foi no outro dia
fui ao Canto do Feijão
matei dois no povoado
depois fui a Pôço Adão
como achei despovoado
deixei inutilizado
o cofre da estação

Segui para Mossoró
cheguei a 13 do mês
com os que lá já estavam
cento e sessenta perfez
(contando com os da aliança)
mas cabras de confiança
só tinham cinquenta e seis

Grande variedade de folhetos e orações
Rua Sta. Luzia, 263 — FONE: 511-0066
Juazeiro do Norte-Ceará

Autor: Rodolfo Coelho Cavalcante
Trovador Brasileiro

Dizem que o próprio homem
É quem faz o seu destino
E como é que se explica
Um homem desde menino
Leva a vida padecendo
Como vítima sofrendo
As sanhas de um assassino?

Raimundo de Santa Helena
Paraibano sofrido
Que perdeu o próprio pai
Por Lampião abatido,
A sua mamãe querida
Quase que perdeu a vida
No ataque do bandido.

Vivia ele tranquilo
Com os seus irmãos no lar
E o velho pai honrado
Que vivia a trabalhar
Mestre de linha, nortista,
Um cidadão pacifista
Pai de família exemplar

Foi a casa incendiada
Pelo cruel Virgulino
Que deixou só a orfandade
Pelo seu vil desatino,
A Fazenda Santa Helena
Virou pasto da hiena
Como feroz assassino

Raimundo ainda em criança
Ao perder o pai amado
Para ajudar a mãe dele
Foi trabalhar de alugado,
Sua única esperança
Era fazer a vingança
Contra o vil asselerado.

Nascido na Paraiba
Lá no Ceará viveu,
Foi até ao Maranhão,
Em Fortaleza sofreu
Seus golpes mais dolorosos
Nos seus anos inditosos
Ao depois que o pai morreu.

Caboclo paraibano
Cabra macho decidido,
Raimundo de Santa Helena
Sempre homem resolvido
Sofria de toda sorte
Sem nunca temer a morte
Mesmo sendo coagido.

Percorreu todo Nordeste
Para poder se vingar,
Entretanto, sua vingança
Não pôde realizar,
Pois Bezerra — o Capitão
Acabou com Lampião
Como era de se esperar.

Seu pai Raimundo Luiz
Tinha a sua independência,
A sua propriedade
Vítima pela violência —
Foi cruelmente tombado
Por uma arma alvejado
Deixando o lar na indigência.

Dona Rosinha vendeu
A sua propriedade
A um seu visinho que
Usando de falsidade
Nem um tostão lhe pagou
E na Justiça a enganou
Junto com a autoridade.

Raimundo sentiu na boca
Gosto de sangue de gente
E prometeu se vingar
Daquele dia pra frente,
Com ódio no coração
Só pensava em Lampião
Seu inimigo insolente.

Se Bezerra não matasse
O facínora cruel
Raimundo de Santa Helena
Conquistaria o laurel,
Só faltou um quase-nada
Que em certa madrugada
Teria o favo do mel.

Raimundo como bom filho
Ajudava sua mãezinha
Trabalhando no pesado
De manhã à tardezinha,
Pois vendo ela amparada
Tinha a alma consolada
Mesmo sem sua terrinha.

Ela que muito lutou
Para os seus filhos criar,
Chegando a ser lavadeira
A fim de não mendigar,
A Família Santa Helena
Sofria de fazer pena
Só tinha um jeito: lutar!

Antenor Navarro, hoje,
O seu sagrado torrão
Deixou em Raimundo a marca
Da triste desolação,
Tudo ele se queixava
Daquele que assassinava
Pobre gente do sertão.

Vendeu lenha em Iguatu
E foi na vida Bicheiro,
Foi empregado doméstico,
Foi camelôt, em solteiro,
Levou pancada igual prego,
Só não foi guia-de-cego
Nem tão pouco cangaceiro.

JORNAL DO BRASIL
brasil@jb.com.br
3 DE MAIO DE 2001

## Pela pena de morte

ALBERTO MARINO JÚNIOR

Continuem, energúmenos, paparicando esses facínoras, tratando-os com mimos e afagos, continuem impedindo a polícia de agir com a necessária energia, desarmem totalmente o povo, que não pode, nem mesmo em casa, se defender, e não tem quem o defenda, diminuam os limites das penas, das quais somente um sexto é realmente cumprido. Mas não se esqueçam do velho brocardo: "Quem poupa o lobo sacrifica as ovelhas."

Desembargador aposentado

Em Barbatana, Raimundo,
Tinha sido agricultor,
Foi vaqueiro no sertão
Também foi bom lenhador,
Serviu ele na Marinha
Como Marujo de linha
Hoje é um Trovador.

Por uma égua sofreu
Grande coice e u'a mordida
Na sua perna direita
Que causou-lhe uma ferida,
Além do queixo quebrado
Quase que era finado
Na reinação de sua vida.

Em Fortaleza, coitado,
Triste da situação
Dormià atrás da Igreja,
Fez da calçada colchão,
Dormindo na lage fria
Dessa maneira sofria
Por culpa de Lampião.

Até sobras de comida
Pelos mercados comeu,
Um drama igual de Raimundo
Pouca gente já sofreu,
É homem martirizado
E da vida um revoltado
Por tudo que padeceu.

Aos 13 anos de idade
A Deusa da Poesia
Envolveu a sua alma
No mundo da fantasia,
Lhe chegou a inspiração
Dentro do seu coração
Pelo drama que sofria.

Até mesmo pelo um falso
Da filha de um seu patrão
Sofreu na Delegacia
Semelhante a um ladrão,
Provada a sua inocência
Foi que tiveram clemência
O tirando da prisão.

A vida desse rapaz
Até se versar faz pena,
Parece que trouxe a sina
Da Senhora Santa Helena,
Que pela sua fé morreu
E na vida padeceu
As torturas da geena.

Foi Pescador de Jangada,
Já foi na vida pesqueiro,
Até cobrador de ônibus,
Engraxate e Jornaleiro,
Passando por tudo isto
Só faltou ser Jesus Cristo
Levado para o Madeiro

Até por duas senhoras
Em garoto foi surrado,
Mas deixamos seu sofrer
Mudando pra outro lado.
Da vida de homem culto
Que agora tornou-se Vulto
Cordelista respeitado.

Fundou ele a "CORDELBRÁS"
Lá no Rio de Janeiro
Para ajudar o poeta
E o vendedor folheteiro.
Vivendo da Poesia
Tem seu nome na Bahia,
No Brasil, no mundo inteiro

Hoje suas edições
Não se conta a quantidade
Mais de um milhão de exemplares
Já publicou, na verdade,
Todas suas edições
São de boas narrações
Em prol da sociedade.

Realizando Campanhas
Filantrópicas Raimundo
De Santa Helena demonstra
Um idealismo profundo
De querer moralizar
E melhor orientar
Os desacertos do mundo

Nasceu e viveu lutando
Inda hoje continua.
É Povo falando ao Povo
Na feira, na Praça e rua,
Seu estilo não é novo
É Povo alertando ao Povo
Na sua vida mais crua.

Hoje é Poeta famoso
No auge da sua carreira,
Candidatou-se à uma vaga
Desejando uma Cadeira
Na Excelsa ACADEMIA
DE LETRAS, com a Poesia, —
Grande Casa Brasileira.

Seu nome hoje fulgura
Na Imprensa, Televisão,
E na História do Cordel
Alcançou a projeção
De um Líder que trabalha
Porque o Cordel espalha
Do litoral ao sertão.

Para você, meu irmão,
Lhe rendo esta homenagem.
Porque lutaste e venceste
E honraste a tua imagem —
De um homem nordestino
Que ao revés do destino
Foste real personagem.

(Rodolfo Coelho Cavalcante)

F I M

RODOLFO COELHO

CAVALCANTE

8-10-1986

**No Dia do Nordestino**
**O Nordeste chove pranto:**
**Porque Rodolfo Coelho**
**Jaz sem vida num recanto**
**Envolvido num mistério**
**Nas terras do cemitério**
**De Salvador (Campo Santo)...**

**Ninguém mais escreveu tanto**
**Sobre os mortos e vivos**
**Do que Rodolfo Coelho**
**Que agora tem motivos**
**Pra requisitar a Lua**
**Que hoje também é sua**
**Pra metade dos arquivos...**

**Seus cordéis persuasivos**
**Dentro deles viajei**
**Conheci o Universo**
**Com os Santos conversei**
**Mas quando vi meu irmão**
**Sem voz naquele caixão**
**Vim pra casa e chorei...**

**Falar sobre este Rei**
**É o maior desafio**
**Não há palavras no mundo**
**Que traduzam o seu brio**
**E nesta sua passagem**
**Registro a homenagem**
**Dos Cordelistas do Rio:**

(Raimundo Santa Helena)
UM MARUJO NA ESQUINA DO MUNDO
"Medalha Pedro Ernesto" e "Cidadão Fluminense"
Caixa postal 17.055, Rio,RJ, 21310-971

**JORNAL DO BRASIL**
quinta-feira, 9/10/86

# Obituário

**Rodolfo Coelho Cavalcante**, 69, de atropelamento na porta de sua casa no bairro da Liberdade, em Salvador. Nascido em Alagoas, mudou-se ainda jovem para a Bahia, onde transformou-se em um dos mais importantes e conhecidos trovadores brasileiros, com cerca de 1 mil 800 folhetos de cordel publicados. Presidente da Associação Brasileira dos Trovadores, criador da prepraça da poesia (ao lado do Mercado Modelo, em Salvador), amigo de artistas e escritores nacionais e estrangeiros famosos — personagem de Jorge Amado —, foi acima de tudo um lutador pelo reconhecimento cultural e profissional dos poetas populares de cordel. Em sua luta foi, várias vezes, perseguido pela polícia nas praças públicas, até que recebeu do governador Otavio Mangabeira — após mais uma de suas detenções —, pessoalmente, a promessa de que "os trovadores não mais seriam presos na Bahia

Rodolfo foi propagandista de casas comerciais, vendedor de apólices de seguro, camelô e até palhaço de circo. Ultimamente, trabalhava na Divisão de Literatura de Cordel da Fundação Cultural do Estado da Bahia.

9628 Raimundo Santa Helena nasceu no dia 6 de abril de 1926 num trole rodando à vara. Sua cabeça nasceu na Paraíba e o restante nasceu no Ceará. Seu pai, Raimundo Luiz do Nascimento, fundador do município de "Santa Helena" e o posseiro legal número um, ali morreu combatendo Lampião e mais 65 cangaceiros que invadiram e incendiaram a cidade em 9 de junho de 1927. Sua mãe, Rosa Ferreira do Nascimento, estava grávida de 5 meses e foi maltratada pelos bandidos, que ainda tentaram matá-la. Na hora do tiroteio Santa Helena (com 14 meses de idade) foi camuflado com capim seco numa cacimba velha sem água, onde uma virgem (chiquinha) o acalentou com os seios nus.

Em 1934, Santa Helena viu sua mãe chorar ajoelhada, implorando ao tabelião Deoclécio Cypriano Maniçobra, ao "coronel" Bento Teixeira e a um juiz, que as terras de seu finado marido (um quinto do município de "Canto do Feijão") lhe fossem restituídas, pois, por um documento de 28.2.1928 aqueles poderosos haviam surrupiados aquelas terras de herança da viúva e 3 filhos menores, herdeiros do herói. Os documentos originais de posse foram queimados pelos cangaceiros na luta de 1927.

No 2º documento de 1928 só constavam as 7 casas sem as terras respectivas nem o açude que tinham sido transferidos numa escritura paralela ao "coronel", a quem Dona Rosinha foi coagida a vender as casas. E sem pagar nenhum tostão, Bento a expulsou das propriedades a tiros de espingarda, xingando todo mundo de filhos da puta. Sem defesa, foram morar num quarto alugado ao Antônio Rolim. A mãe de Santa Helena foi ser lavadeira e ele e seus irmãos Santo e Toinho carregavam latas d'água do cacimbão feito pelo saudoso pai. Para encher as caixas de banho dos comerciantes e fazendeiros as crianças acordavam de madrugada Ainda vendiam cocada e tapioca aos passageiros do trem parado tomando água.

Ao meio-dia de 26-12-1937, Santa Helena saiu de casa num trem de madeira para matar Lampião. Mas foi expulso em "José de Alencar" e dali foi trabalhar em "Barbatana" como agricultor e lenhador, cuja lenha era vendida em Iguatu (5 horas a pé com o jumento "Jaburu"). No mercado recitava versos.

Depois foi pra Fortaleza como pau-de-arara, dormiu na sarjeta (Igreja da Sé), comeu restos de comida (Mercado Municipal), porém se reabilitou trabalhando 10 horas por dia como baleiro da professora Carmen e estudando a noite num galinheiro, à luz de lamparina, discutindo com o galo.

Em 1943, em Fortaleza, fez provas e ingressou na Marinha de Guerra como aprendiz-marinheiro. É ex-combatente remunerado.

Como cordelista foi citado favoravelmente mais de 2.000 vezes pela imprensa (477 recortes de jornais, 119 gravações de rádio e TV nos arquivos e 325 palestras sobre Literatura de Cordel); um milhão e 500 mil exemplares.

Fundou a Cordelbrás. No pleito de 25.8.83 da Academia Brasileira de Letras, teve 4 votos. Recebeu uma oferta de 10 mil dólares de uma universidade estrangeira pelo seu acervo de Cordel mas resolveu doá-lo à Casa de Cultura São Saruê, em Santa Teresa. (Yara Maltez. Caixa postal 17.055, Rio, 21310).

– Pela carta 119/80, o Gabinete Civil da Presidência da República me devolveu documentos históricos do município de "Santa Helena", ex-"Canto do Feijão", Paraíba, assinados por dois prefeitos, pelo presidente da Câmara Municipal e por 32 habitantes, com firmas reconhecidas, juntados ao processo MF-0168-408.111/69 (Jornal do Brasil, 13-6-80, pg. 10). Tais documentos atestam que meu pai, ex-delegado Raimundo Luiz, fundou aquela cidade e por ela morreu combatendo "Lampião" e mais 65 cangaceiros no dia 9-6-1927. **(Raimundo Santa Helena)**

1984